

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

**Saúde mental da mulher brasileira contemporânea e os desafios enfrentados
nos seus múltiplos papéis**

Ritiele Machado Prestes

Pelotas, 2023

Ritiele Machado Prestes

Saúde mental da mulher brasileira contemporânea e os desafios enfrentados nos
seus múltiplos papéis

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como
requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel
em Psicologia, pela Faculdade de Medicina, Psicologia e
Terapia Ocupacional da Universidade Federal de
Pelotas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Michelle de Souza Dias

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Duarte Nogueira

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dra. Paulínia Leal do Amaral

Doutora em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas

PELOTAS

2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P936s Prestes, Ritiele Machado

Saúde mental da mulher brasileira contemporânea e os desafios enfrentados nos seus múltiplos papéis / Ritiele Machado Prestes ; Michelle de Souza Dias, orientadora. — Pelotas, 2023.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Psicologia. 2. Mulher. 3. Trabalho. 4. Saúde mental. 5. Sobrecarga. I. Dias, Michelle de Souza, orient. II. Título.

CDD : 150

Resumo

Ser mulher na contemporaneidade implica tencionar diversos papéis na sociedade brasileira, dessa forma o acúmulo de tarefas torna-se necessário para a busca da ascensão financeira, contudo algumas tarefas recaem somente sobre os corpos femininos, e outros são resultados da divisão sexual de trabalho, frente a isso é importante uma compreensão sobre o impacto desta realidade, da saúde mental das mulheres, na atualidade. O estudo teve como problema de pesquisa entender como a mulher se articula ao desempenhar os múltiplos papéis: de mãe, trabalhadora, universitária e o impacto na saúde mental na contemporaneidade. Os objetivos foram descrever o ser na mãe na contemporaneidade, discutir a inserção da mulher no contexto universitário e a saúde mental que permeia esse espaço, e por fim discorrer sobre os múltiplos papéis da mulher e o impacto em sua saúde mental. Tratou-se de uma pesquisa exploratória qualitativa de revisão bibliográfica com delimitação no período de dez anos para artigos virtuais. Os resultados apontam para uma sobrecarga de papéis, algumas são visíveis, outras exigem tanto esforço psíquico quanto, podendo causar sofrimentos negativos para a saúde mental.

Palavras-chave: mulher; mãe; trabalho; saúde mental; sobrecarga.

Resumen

Ser mujer en la época contemporánea implica tener roles diferentes en la sociedad brasileña, por lo que la acumulación de tareas se vuelve necesaria para la búsqueda del avance económico, sin embargo, algunas tareas recaen únicamente en el cuerpo femenino, y otras son resultados de la división sexual del trabajo, frente a esto, es importante comprender el impacto de esta realidad, de la salud mental de las mujeres, en la actualidad. El problema de investigación del estudio fue comprender cómo las mujeres se articulan al desempeñar múltiples roles: madre, trabajadora, estudiante universitaria y el impacto sobre la salud mental en la época contemporánea. Los objetivos fueron describir el ser madre en la época contemporánea, discutir la inserción de la mujer en el contexto universitario y la salud mental que permea este espacio, y finalmente discutir los múltiples roles de la mujer y el impacto en su salud mental. Fue una investigación cualitativa exploratoria de revisión bibliográfica con delimitación en el período de diez años para artículos virtuales. Los resultados apuntan a una sobrecarga de roles, algunos son visibles, otros requieren tanto esfuerzo mental y pueden provocar sufrimiento negativo para la salud mental.

Palabras-clave: mujer; madre; trabajar; salud mental; sobrecarga.

1 INTRODUÇÃO

Ser mulher na contemporaneidade implica diretamente em questões referentes à saúde mental. Para Bezerra e Sorpreso (2016) o conceito de saúde perpassa a ausência de doença, e relaciona-se com fatores culturais, econômicos e sociais, o conceito ora pensa na doença, ora para a promoção da saúde. Um conceito complexo que vários autores se debruçam a pesquisar sobre.

Alcântara, Vieira, Alves (2022) mencionam quanto à saúde mental, que alguns textos utilizam a expressão como se seu significado fosse presumido pela comunidade científica, sem ser necessário defini-lo. Nesse sentido, é importante explicitar que entendemos a saúde mental como uma complexidade dinâmica subjetiva e com atravessamentos sociais. Logo, discutir sobre o gênero feminino e seus atravessamentos tem se tornado cada vez mais necessário para busca de um equilíbrio da saúde emocional deste público.

A saúde mental da mulher em exercício de seus múltiplos papéis na contemporaneidade, é importante fator de pesquisa, pois visa desconstruir papéis sociais e moralmente construídos em nossa sociedade, de maneira que foram construídos historicamente. Ser mulher e mãe em nossa cultura tem-se como algo natural, essa naturalidade é passível de questionamentos. Ser mulher, mãe, trabalhadora e universitária é romper com paradigmas impostos do lugar atribuído à mulher, lugar que não está dado, foi conquistado a partir de muitas manifestações feministas por direitos igualitários. Contudo, esses múltiplos papéis podem gerar algum nível de impacto na saúde mental de algumas dessas mulheres, pois adquirindo esses lugares conquistados não houve uma divisão de determinadas tarefas ditas como femininas, que ficam acumuladas nos corpos das mulheres.

A justificativa da relevância deste tema segue como importante fonte de pesquisa após um Congresso de Iniciação Científica (CIC) realizado e apresentado presencialmente a banca de pesquisa na semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE) da Universidade Federal de Pelotas, no ano de 2022. O interesse surgiu após experiência da realização de dois estágios específicos

obrigatórios, totalizando quase um ano de dedicação e optando por oferecer cuidados em saúde mental de grupos de mães universitárias (entre outros papéis). Nesse sentido foi possível verificar a importância de espaços terapêuticos que garantam a saúde mental de mulheres em meio a contemporaneidade, visto que, vidas atualmente são sobrecarregadas; uns corpos mais que outros, mas todos em alguma medida.

Faz-se importante desnaturalizar o excesso de demandas sob esses corpos, não falar sobre este assunto pode causar um silenciamento do sofrimento deste determinado grupo. Indo de encontro com a validação destes sentimentos este trabalho se propõe a realizar reflexões sobre os múltiplos papéis da mulher na contemporaneidade e o impacto na saúde mental.

A partir destas considerações, visa-se responder a seguinte pergunta: Como a mulher se articula ao desempenhar os múltiplos papéis: de mãe, trabalhadora, universitária e o impacto na saúde mental na contemporaneidade? Para buscar resultados referentes a essa questão o objetivo geral deste trabalho pretende, descrever o impacto na saúde mental da mulher ao desempenhar múltiplos papéis na contemporaneidade. Os objetivos específicos são: descrever o ser na mãe na contemporaneidade; discutir a inserção da mulher no contexto universitário e a saúde mental que permeia esse espaço e discorrer sobre os múltiplos papéis da mulher e o impacto em sua saúde mental.

2 MÉTODO

A metodologia adotada para realizar a pesquisa foi de natureza descritiva de cunho qualitativo, utilizando de fontes de busca secundárias com o delineamento de pesquisa bibliográfica conforme GIL(2008, p.45) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”. Foi realizada uma leitura cuidadosa e atenta, buscando trazer discussões atuais e relevantes para atingir os objetivos propostos, para isso o fichamento foi um método auxiliar neste processo. Foram descartadas publicações *online* anteriores a 2012.

As pesquisas foram realizadas em livros, *google* acadêmico, Scielo, Capes periódicos; os critérios de inclusão foram materiais em português com pesquisas bibliográficas dos últimos dez anos, para material *online*, e em livros clássicos o período não foi definido, material em português. As palavras chaves utilizadas foram: “saúde mental”, “mulher contemporânea”, “universitárias”, “mãe e estudante”, “trabalho” .

A primeira parte do trabalho descreve, com base na literatura existente o que é ser mãe na contemporaneidade, a segunda discute a inserção da mulher no contexto universitário e a saúde mental que permeia esse espaço, e por fim uma discussão sobre os múltiplos papéis da mulher e o impacto na saúde mental.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Ser uma mãe contemporânea

“Ser mãe é padecer no paraíso”

Ditado popular

Ao realizar uma análise na frase citada, ela apresenta vias para reflexões sobre como na maternidade existem atravessamentos religiosos, que a palavra paraíso remete. Para Badinter (1985) a maternidade é uma forma de “devotamento” que todas as mães passam nos anos iniciais da criança, uma forma de entrega total da mulher; sacrifício. Corroborando quanto a primeira parte da frase “ser mãe é padecer” remete a ideia de entrega, de penitência diante ao ser que a mulher coloca no mundo. Nesse sentido, a palavra paraíso remete a um completo bem estar. Segundo Badinter (1985, p. 19) “Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer.” Ou seja, que não há nada de melhor que a vida possa oferecer à mulher, sentido que reforça o atual entendimento de maternidade romantizada.

Em nossa cultura as meninas desde muito cedo são presenteadas com bonecas, isso as coloca no lugar de cuidadoras desde tenra infância, projetando um ideal materno, manipuladas como corpos dóceis para serem boas mães, e que sejam boas no cuidado do lar, isso inclui que cozinhem bem e cuidem dos futuros

esposos (MARQUES, SANTOS, DANIEL, 2022). Preordenadas ao papel materno pela sociedade e por nossa cultura, as mulheres são colocadas nessa imagem de mãe, que foi construída para representar o feminino. Hoje as mulheres lutam pela liberdade de buscar sua própria autonomia e ter o direito de fazer suas próprias escolhas (BADINTER, 1985).

Somando-se a isso, a revolução industrial foi um grande marco temporal, gerando um trabalho mecânico e concentrado nas forças de trabalho, modificando o trabalho para um sistema capitalista (GLITZ, 2018). Os indivíduos experimentaram novas formas de consumo, alterando a forma de se relacionar com produtos e conseqüentemente, com as pessoas em seu entorno (ROCHA, LIMA, WALDMAN, 2020). Dessa forma, houveram mudanças também nas relações familiares, assim se estabelece a relação em um núcleo familiar, com mais apego entre pais e filhos e evidenciando a figura da mulher, marcando um lugar de mãe e esposa (GLITZ, 2018). Ainda segundo a autora, os homens responsáveis pelo sustento familiar, predominantemente ocupavam postos de trabalho, e então coube a mulher se adequar aos cuidados domésticos e da família. Assim,

essa posição social privou por longo tempo as mulheres de desenvolver suas habilidades intelectuais, deixando-as desejosas de um possível mercado de trabalho, o qual as acolhesse com liberdade, direitos e, principalmente, como algo justo, que fosse de escolha e satisfação, e não necessariamente uma necessidade ou incumbência. (GLITZ, 2018, p.13).

Atualmente o excesso de conexão causado pela internet, mudou os comportamentos sociais e os modos de se relacionar, o que pode colaborar ou não, para avanços, nesse modo tudo ganha uma rápida velocidade, os conteúdos são disseminados instantaneamente e se dispõe de pouco tempo para o espectador elaborar, já que a todo momento há novos temas (ROCHA, LIMA, WALDMAN, 2020)

Os discursos que ganham destaque na mídia denotam a mulher como passível de ser fecundada e então corroborando para que a maternidade seja algo natural, e então cria-se uma forma de maternidade compulsória, que reforça de maneira atualizada os discursos de que ao ter um filho a mulher precisa dedicar-se atenção em tempo integral (BERNARDES, LOURES, ANDRADE, 2019). Frente a isso:

O momento e os moldes de como ser mãe vêm se modificando ao longo do tempo e adaptando-se ao contexto social e histórico de cada época. Nota-se que a maternidade se adapta a realidade na qual os sujeitos estão inseridos e essas adaptações e mudanças se dão devido ao posicionamento da mulher diante da sociedade, vencendo preconceitos e enfrentando situações e fatos que marcaram a história da humanidade. (GLITZ, 2018, p.12).

O movimento feminista, a partir de Simone Beauvoir, passou a pensar a maternidade como instrumento de dominação do sexo masculino sobre o feminino, uma construção social, de modo que a maternidade servia para marcar o lugar das mulheres na sociedade, reclusas em seus “lares” cuidando dos filhos e da família (BERNARDES, LOURES, ANDRADE, 2019). Embora o trabalho materno seja essencializado e privatizado, logo, atribuído especialmente à mãe e, situado, principalmente, na esfera reprodutiva/doméstica, o seu reconhecimento e sua legitimação passam pelo crivo público/social. Ou seja, as mães mesmo doando seu máximo ainda precisam da aprovação social, e quando não realizam de forma “suficientemente boa” Winnicott (1971/1984) são objeto de opressão (O'REILLY, 2016 *apud* OLIVEIRA-CRUZ, 2022 p. 19)

Além disso, a sociedade impõe que as mulheres sintam imediatamente o amor materno como algo naturalmente feminino, gerando expectativas de uma falsa felicidade por gerar e parir um bebê, muitas vezes as mulheres são convocadas a assumir esse papel para corresponder satisfatoriamente ao seu ciclo social, mesmo não sendo fácil, mesmo não sentido a felicidade (SILVA, OLIVEIRA, BARROS, 2020).

Os constantes comentários sobre como a maternidade é um momento perfeito e sublime, potencializam o sofrimento psíquico de algumas mulheres que não vivenciam a mesma realidade que é exposta, principalmente na mídia. Fazendo assim crescer um sentimento de fracasso frente às dificuldades, e silenciando seus sentimentos pois sabem que não serão aceitos socialmente (SANTOS, LIMA, BARBOSA, 2021). Por tanto, os impactos psicológicos como medo, ansiedade, culpa, e sentimento de fracasso podem tornam-se companhia diária para as mulheres que desejam crescimento e reconhecimento profissional concomitantemente com a maternidade e outras responsabilidades que recaem sobre o corpo da mulher (MARQUES, SANTOS, DANIEL, 2022). Frente a isso:

O lado não dito, as partes difíceis e a dor da maternidade são ignoradas pela realização das maiores alegrias de ser mãe, e a mídia tende a promover apenas a maternidade ideal, que não condiz com as condições da verdadeira maternidade. As mães que expõem os pesares da maternidade real, constantemente são censuradas ao dialogarem com suas vivências e dificuldades enfrentadas no maternar. (MARQUES, SANTOS, DANIEL, 2022, p.9).

Vivemos um momento de relatos reais nas redes sociais, onde vem à tona discussões que devemos considerar relevantes quanto a saúde mental das mães. Segundo Halasi (2018), a maternidade inclui um luto de si; uma constante demanda por abrir mão de sua subjetividade para cuidar de outra pessoa. Amar o filho que foi gerado do próprio ventre e não sentir a “completude” de que tanto se fala ou o amor que gera entrega total, e que por vezes causa um esquecimento da subjetividade da mulher, causando um luto ao se identificar como era antes da maternidade em comparação com o torna-se mãe. Devido a isso sofrimentos emocionais podem surgir.

O sofrimento materno pode se manifestar também em vários ambientes e é consequência de uma construção social em que a mulher é, quase que totalmente, responsável por toda e qualquer situação que envolva o cuidado de seus filhos, o que também a faz ser responsável, analogamente, a tudo de bom ou ruim que acontecer a eles (SCHULTEI, BELLUZZOI, VAISBERGI, 2019, p.112)

O novo papel que a mulher assume após a maternidade pode levar a pensamentos e sensações de odiar ser mãe. Para Laplanche e Pontalis (2001) existe uma dualidade nestes sentimentos entre gostar e odiar o mesmo objeto. Esse estranhamento da nova situação para mulheres primíparas pode ser causador de uma sensação que as acompanha durante um longo período da maternidade; a culpa materna. Para Halasi (2018) o ideal materno, acaba por gerar falsas maternidades e as mulheres que se sentem culpadas recaem em adoecimento psíquico. Dúvidas e angústias são geradoras de sofrimento emocional que devem ser olhadas com atenção, pois estão permeadas de muitos vieses sejam culturais, religiosos ou do próprio ideal de maternidade. Frente a isso, para mulher vivenciar a maternidade contemporânea é necessário estar atenta a esses aspectos pouco explorados.

Por tanto, o papel da psicologia é desmistificar a redoma que foi criada em torno da maternidade ideal e acolher as vivências individuais de cada mulher,

criando espaços de diálogos que contribuem para diminuir o sentimento de culpa que recaem sobre estas quando isoladas de uma comunidade que vivencia os mesmos desafios (MARQUES, SANTOS, DANIEL, 2022). Por conseguinte, quando falamos em mulheres e maternidade, precisamos dizer que não há um corpo único, uma mulher universal, mas textos sobre maternidade geralmente mencionam mulheres brancas, apagando a vivência de mulheres negras.

Torna-se importante salientar que as mulheres negras são vítimas de racismo e todas as formas possíveis de violências desde a entrada no hospital pelo sistema único de saúde para ganhar seus filhos, os procedimentos dos profissionais da saúde reforçam essas discriminações, argumentos como que mulheres negras aguentam mais dor e conseqüentemente recebem menos anestesia e cuidados são recorrentes nas vivências dessas mulheres, como se essas mulheres tivessem o corpo preparado para reprodução (CURI, RIBEIRO, MARRA, 2020). Frente a isso, as mulheres mães negras lutam diariamente contra o racismo institucional e do Estado, a maternidade para algumas têm a potencialidade de “gerar ativismo político, lutando diariamente pelo que é negado a elas historicamente, o direito à vida” (OTA, 2020, p.15)

Nesse sentido, a luta por empoderamento materno da mulher negra abrange três dimensões principais: 1) pelo controle sobre seu corpo no sentido de ter a decisão de ter ou não filhos, levando em consideração que a decisão de ser mãe pode ser desafiadora num contexto em que políticas institucionais desencorajam mulheres negras pobres a terem filhos, enquanto incentivam mulheres brancas de classe média a terem; 2) pela criação e cuidado de seus filhos e 3) pelo poder de formar seus filhos conforme os valores e a cultura de seu grupo. (OTA, 2020, p.5 e 6)

Diante ao exposto as mulheres enfrentam inúmeros obstáculos frente a maternidade, lembremos que a maternidade não é uma situação isolada existem outras esferas que precisam conciliar, frente a isso existem diferenças nas vivências das mulheres inclusive as negras, segundo Adichie (2019) é preciso ter o cuidado em diferenciar as experiências, pois não existem histórias únicas.

3.2 Inserção da mulher no contexto universitário e a saúde mental

*“Viver a universidade não é uma tarefa fácil, apesar de sempre ouvirmos que essa é a melhor fase de nossas vidas. As preocupações com prazos e decisões que impactam diretamente o nosso futuro trazem um peso absurdo para esse momento, que com certeza, recai com mais força em nós: mulheres negras”
Carta Kizzy Lessa C. Vitória LIVRO TECENDO CARTAS (SOBRE)VIVÊNCIAS DE MULHERES NA UNIVERSIDADE*

Sabe-se que a inserção da mulher no contexto universitário foi conquistada após movimentos feministas, na década de 1970, nomes como Simone de Beauvoir, entre outras mulheres, adentrando nas universidades e fazendo cada vez aflorar o debate teórico sobre a questão da mulher. A inclusão feminina no contexto universitário e a busca por profissionalização ocorreu de forma custosa (PEREIRA; NUNES, 2018). Ainda segundo as autoras, com o avanço do capitalismo ocorreu um aumento no ensino superior brasileiro durante o século XX, mesmo a mulher ocupando esses espaços ainda assim sua posição seguiu subalterna em relação a do homem, conservando as desigualdades de gênero (PEREIRA, NUNES, 2018).

Ferreira (2023) argumenta que mesmo com os avanços significativos em relação a outrora, existe hoje uma intimidação da mulher na universidade, reflexos da forte repressão, e que mantém a disparidade da permanência nas instituições . Nesse sentido, Caldas (2022) completa que estar na universidade é um momento desafiador uma vez que demanda muita dedicação, visto que muitos desafios podem se tornar obstáculos para a formação profissional, contudo as mulheres estão mais vulneráveis uma vez que podem experimentar violências de gênero dentro e fora do ambiente acadêmico.

Atualmente o cenário dentro das universidades está em constante mudança, há um crescente número do público feminino nestes espaços, segundo dados do censo da educação superior (2013), do Instituto Nacional de estudos e pesquisas Educacionais anísio Teixeira (INEP):

A quantidade de matrículas de graduação registradas tanto na modalidade presencial quando a distância é sempre maior para o sexo feminino. A variação encontrada para o sexo feminino nos cursos presenciais de 2010 para 2013 é de 13,3% e nos cursos a distância é de 23,0%. Para o sexo masculino, na modalidade presencial, de 2010 para 2013 há uma variação de 12,5% e, nos cursos a distância, de 26,0% (CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2013, p.24)

Considerando os dados significativos de matriculadas, e os papéis considerados femininos exercidos concomitantemente, é importante refletir como é o ambiente acadêmico e evidenciar as constantes exigências neste contexto. É necessário mostrar que a cada semestre os requisitos para concluir um curso superior vão além da aprovação em exames, é preciso se integrar em projetos de pesquisa e extensão, participar de cursos e palestras, entre outras condições. As

autoras Gonçalves e Ternovoe (2017) relacionam a conciliação da maternidade com a rotina acadêmica, mostrando que por parte das instituições existem horários rígidos e falta de flexibilidade. Bem como, Caldas (2022) afirma ser importante realizar uma intersecção entre os assuntos maternidade e universidade, em razão de que existe uma constante cobrança em relação a produção de trabalhos acadêmicos que não consideram a possibilidade da sobrecarga materna, e quanto as mulheres são predeterminadas aos cuidados domésticos, frente a isso no ensino superior não há flexibilidade para entrega de trabalhos para quem é mãe, e a falta apoio institucional corrobora para o acúmulo de incessantes jornadas de atividades.

As mulheres precisam estudar como se não tivessem filhos, e ter filhos como se não estudassem, essa situação é um fator agravante pensando na saúde mental desse público, a relação universidade e cuidado com filhos pode gerar “a auto cobrança por parte das mães universitárias, e sem dúvida é um dos principais desafios dessas mulheres, visto que além do papel de mãe e estudante, ainda têm que administrar a culpa gerada em ter que “deixar” os filhos para estudar.” (VIEIRA, 2018, p.21).

Estudos apontam para a relação significativa entre transtornos mentais e o campo acadêmico, segundo Ariño e Bardagi (2018) o excesso de carga de estudo, novas rotinas de sono, adaptações e estratégias de estudo, podem se constituir como estressores, pois exigem um repertório acadêmico para enfrentar tais exigências. Ainda segundo as autoras é necessário conhecer e intervir sobre essa realidade para que estudantes possam concluir a formação sem adoecer.

Para Bitencourt (2017) entre as universitárias que são mães, as prioridades são cumprir com as responsabilidades de cuidado dos filhos e as entregas dos trabalhos ou estudo para provas dentro dos prazos, deixando o cuidado físico ou emocional de si por último . Ainda segundo a autora, “na grande maioria dos casos a mãe é a grande responsável pela educação e cuidado com os filhos”. (BITENCOURT, 2017, p. 9). A possibilidade de expandir o percurso de aprendizado, concluir uma formação e não somente permanecer em ambiente privado ressalta dúvidas como qual motivo da falta de pesquisas na área da saúde mental frente aos desafios enfrentados por essas acadêmicas e mães (FERREIRA, 2023). Ainda segundo a autora “Faltam também a essas mulheres, espaços voltados para a

promoção da saúde, prevenção de adoecimentos e recursos de enfrentamento frente aos desafios vivenciados no exercício concomitante de atividades parentais e acadêmicas”. (FERREIRA, 2023, p. 18).

Inegavelmente conciliar a maternidade com um curso superior gera dificuldades, visto que a privação de tempo em relação aos filhos, é um fator que gera culpa nessas mulheres, mesmo que estejam cumprido com cuidado seus deveres maternos ainda assim sentem-se em dívida para com a criança, sempre buscando dar total atenção quando se tem tempo livre, o que é corroborado por Bitencourt (2017). Apesar,

Das novas configurações alcançadas para o ser mulher e o ser mãe, observa-se que sentimento de frustração, culpa e angústia costumam ser evidenciadas por elas ao exercerem novas funções e papéis sociais em contextos laborais e acadêmicos (FERREIRA, 2023, p.16).

De acordo com Bitencourt (2017) melhores condições econômicas e redes de apoio possibilitam vivenciar os estudos com mais tranquilidade, entretanto mulheres sem rede de apoio atravessam dificuldades, além de conciliar a graduação com maternidade um outro obstáculo se mostra frente a conciliar os horários das aulas ou estágios com horário das escolas/creches. Portanto, muitos fatores colaboram para o abandono de um curso superior ;

As razões são de muitas ordens: cuidados dos filhos, dedicação a atividades acadêmicas, deslocamento para a faculdade, necessidade de trabalhar (para algumas), dificuldades financeiras (sobretudo quando a mãe é única provedora financeira), problemas de moradia, dificuldades psicológicas e afetivas (como cansaço, falta de apoio familiar, depressão, assédio, dentre outros) (OLIVEIRA e SOUZA, 2020, p. 1772).

Igualmente Ferreira (2023) descreve que os obstáculos que se impõe às mulheres acadêmicas e mães podem gerar pausas durante o curso ou mesmo desistência. Bem como, Caldas (2022) explica que são inúmeras as violências que uma mulher pode vivenciar na universidade e isso causa marcas psíquicas que motivam afastamentos do curso pretendido. Entretanto, Bitencourt (2017) expõe que o desenvolvimento de patologias, esgotamento psíquico e físico podem estar relacionadas à redução do tempo de sono uma vez que estas mulheres só conseguem desenvolver as atividades ou cuidar de si após os filhos dormirem.

Oliveira e Souza (2020) argumentam que atualmente os coletivos de mães universitárias buscam transformar as vivências destas acadêmicas, reivindicando políticas públicas que garantam permanência nesses espaços e criando rede de apoio entre as estudantes para que possam tecer possibilidades de segurança emocional.

Na busca por avanços, segundo Pereira e Nunes (2018), e o ingresso de muitas mulheres no ambiente acadêmico, torna-se necessário salientar a existência da desigualdade de gênero principalmente no que concerne raça/ etnia e condição social. As discriminações devem ser desnaturalizadas no ambiente acadêmico, e as instituições precisam realizar um movimento de não se omitir frente a casos de violências (CALDAS, 2022). Assim sendo, para garantir a legitimação, valorização e dignidade emocional da identidade da mulher na universidade, deixar de omitir os primeiros nomes das autoras em referências bibliográficas mostra-se como um movimento de reparação (FERREIRA *apud* ALMEIDA, 2023). “A luta feminista no ambiente acadêmico somente cessará quando a universidade se tornar um local mais acolhedor, igualitário, democrático e não violador de direitos, um território de todos” (CALDAS, 2022, p.42)

Ser uma mulher negra, mãe, pobre e estar na universidade é vivenciar diariamente e constantemente exposição a discriminações, falta de acesso a recursos, instrumentos, especializações, e ouvir discursos que negam o passado escravocrata, de retirada de direitos que reverberam até os dias atuais, mostra disso é a quantidade pessoas negras que concluem o ensino superior (SILVA, 2020). Ainda segundo a autora, estar na universidade para as mulheres que estão marcadas por essas intersecções é um ato político e de resistência. Ingressar na universidade não se torna garantia de êxito, logo muitas humilhações marcam esse caminho e grande parte dessas mulheres são as primeiras da família a cursar uma graduação.

Ainda sobre as vivências de mulheres negras no ambiente acadêmico, Oliveira; Nunes; Antiloga (2019) mencionam que para as mulheres negras são destinados os piores lugares e estar estudando em uma universidade representa mais um espaço onde pode experimentar sofrimentos.

3.3 Os múltiplos papéis da mulher e o impacto em sua saúde mental. A mulher trabalhadora.

“Preciso de um minuto. Enquanto estava mergulhada na escrita, parece que o jantar queimou. De tão imersa nas palavras, nem senti o cheiro de queimado. Mas o Davi, sim! E me avisou: “Mãe está queimando!” Carta Keyth Vianna, livro tecendo cartas.

O novo ideal de mulher, denominado “mulher contemporânea”, propõe a capacidade de conciliar os desejos pessoais com as exigências sociais, ou seja, múltiplos papéis, é socialmente esperado que se tenha um bom desempenho profissional, acadêmico e ser ótima mãe (FIORIN, OLIVEIRA, DIAS, 2014). É inegável que as obrigações de ser excelente em todas essas atividades, pode ser causadora de um desgaste psíquico. A mulher que “decide”¹ conciliar a esfera do trabalho, precisa estar atenta a todas as situações que pode enfrentar. Contudo é preciso atentar a situações de divisão sexual de trabalho que estão fortemente impregnadas em nossa sociedade. Ademais, Dantas (2017) explica que a mulher ainda é vista como pertencente à esfera privada mesmo diante das mudanças que vêm acontecendo, existe uma constante busca por estratégias para conciliar os papéis profissional e doméstico, contudo afirma que a mulher realiza as tarefas essenciais da rotina de uma casa. Em contrapartida, para as mulheres negras o trabalho sempre fez parte de suas rotinas, ou seja, não precisaram sair de casa visto que sempre serviram a outros, pessoas brancas principalmente (DAVIS, 2016).

Sabemos que grande parte das mulheres executam afazeres domésticos em seus lares, considerando uma relação heterossexual, por vezes existe pouca contribuição por parte de seus companheiros. Para Cisne (2015) alguns papéis são tidos como femininos, mesmo que esta exerça atividades laborais fora de casa, ainda assim, algumas tarefas continuam como responsabilidades da mulher; tarefas domésticas não remuneradas, o cuidado, e por vezes articulando com jornadas de trabalho extensas, baixos salários, e direitos trabalhistas insuficientes.

¹ Nesse sentido a autora Silvia Federici realiza análises em sua obra *Calibã e a bruxa*, explicando que o capitalismo usa da força das mulheres para explorar em produção de trabalho e reprodução (máquinas para criação de novos trabalhadores).

Segundo (Dantas, 2017 *apud* De Jesus 2018, p.4) “O trabalho doméstico envolve atividades que exigem esforço físico e mental. Esse esforço mental é invisível, e é causado pela desigualdade, pela invisibilidade do trabalho doméstico e é grande gerador de angústia.”

Da mesma forma, estudos realizados por Santos e Diniz (2018) apontam o quanto as donas de casa entendem como insignificantes as atividades que exercem em casa, de maneira que se sentem desvalorizadas por não ter reconhecimento social, ainda segundo as autoras essas mulheres sentem-se invisibilizadas por não serem remuneradas. Portanto, sentir-se invisível e desvalorizada entre outros sentimentos negativos configura um grande impacto na saúde mental dessas mulheres, “favorecendo a manifestação de desequilíbrios afetivos, sociais e emocionais” (SANTOS, DINIZ, 2018, p. 55).

Pesquisas acadêmicas buscam retratar o tempo investido em trabalhos não remunerados como o doméstico e o de cuidar, as pesquisas tornam-se importantes para expressar a desigualdade de gênero (DE JESUS, 2018). Ainda segundo a autora, em seus estudos é possível constatar que as mulheres negras dedicam horas de cuidado a mais em trabalhos não remunerados, comparando com mulheres brancas. Oliveira e Silva (2022) salientam o quanto é importante entender o cuidado como parte fundamental do sistema econômico, assim rompendo com a lógica que entende como atributo essencial feminino, conseqüentemente visto como “dom” ou realizado “por amor” hoje sabe-se que não.

Ainda segundo os autores Oliveira e Silva (2022) as mulheres negras dedicam seu tempo a cuidar de pessoas brancas desde o período escravocrata, de forma atualizada hoje quem possui capital paga por esse trabalho que geralmente é realizado por mulheres negras, durante a pandemia de covid-19 esse trabalho privado, foi intensificado devido ao isolamento social, situação que levou muitas mulheres negras a seguirem trabalhando mesmo expostas ao vírus, por fim os autores levantam questionamentos como “quem cuida das mulheres negras que não têm como contratar serviços de cuidado?” (OLIVEIRA, SILVA, 2022, p. 308).

Mesmo diante a tantas desigualdades de gênero, raça e classe social, quando se fala em trabalho na vida da mulher contemporânea, o trabalho

remunerado denota independência financeira, ele evidencia uma relação de satisfação pessoal, quando em condições apropriadas. Fiorini, Oliveira e Dias (2014, p. 29) reiteram que “o trabalho remunerado fora do lar é visto como algo que valoriza a mulher, que amplia seu conhecimento e melhora seu estado emocional”.

Existe hoje uma grande quantidade de famílias monoparentais femininas, que somente uma pessoa é responsável pelo sustento, frente a inúmeras desigualdades causadas por uma sociedade com comportamentos machistas, as mães solo buscam o trabalho para sobrevivência mas se deparam com um cenário excludente (SOUZA, 2023). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2022, existem aproximadamente 11 milhões de mães solo no Brasil. Essas mulheres precisam de lugares no mercado de trabalho. Sob as mães solo pesquisas apontam que incidem maiores níveis de estresse e problemas na saúde mental devido a inúmeros fatores e sobrecarga de responsabilidades (SOUZA, 2023). Estudos recentes mostram que em oportunidades de contratação, candidatas que são mães, têm uma redução de probabilidade de serem escolhidas em 37%, em relação a candidatas não mães (GALVÃO, 2020). Frente a isso, mulheres-mães que não têm oportunidades de se colocar no mercado de trabalho recorrem ao empreendedorismo, que surge por necessidade (DOURADO, 2017).

Hoje as mulheres lidam com o que se achava impossível antigamente: multitarefas, sendo mães, esposas, viúvas que conciliam casa e trabalho, mesmo quando os filhos são pequenos, e tecem assim a complexa rede de responsabilidade doméstica, familiar e profissional. Dessa forma, o trabalho tornou-se uma categoria central na vida da mulher (COSTA, 2018, p.443).

O trabalho remunerado dignamente representa realização pessoal e traz satisfação pessoal, sair do âmbito privado e ter uma rede social pode trazer benefícios para a saúde. Para mulheres que conciliam diversos papéis, a rotina diária é uma busca constante de quebra de barreiras, e a cobrança diária de familiares por atenção pode trazer sofrimentos significativos (COSTA, 2018). Ainda segundo a autora, ocupar todos esses papéis pode causar uma sensação de esgotamento, mas as demandas contemporâneas conduzem a mulher a buscar de dar conta de tudo, gerando muitas vezes uma ambivalência de sentimentos, às vezes sentem-se valorizadas, capazes, em contrapartida, apresentam sentimentos de desvalorização e incapacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, cujo tema foi a saúde mental da mulher em seus múltiplos papéis na contemporaneidade, e metodologia adotada com base em revisões bibliográficas no período dos últimos dez anos, os objetivos propostos foram de explorar os papéis que convergem entre ser mulher, mãe, estudante e o mundo do trabalho seja remunerado ou não, tencionando sobre a saúde mental. Este trabalho caracteriza um tema importante para aprofundamentos das questões atuais e permitiu melhor compreensão sobre a realidade de boa parte das mulheres brasileiras. A grande questão estava em torno de como a mulher se articula ao desempenhar os múltiplos papéis: de mãe, trabalhadora, universitária e o impacto na saúde mental na contemporaneidade, foi possível perceber que a pesquisa representa muitas brasileiras de classe social baixa que lutam para ascensão econômica. Essa intersecção em ser mulher e protagonizar tantos papéis causa uma sobrecarga nesses corpos, e quanto mais intersecções mais obstáculos tendem a aparecer.

Frente a isso é possível compreender como esses múltiplos papéis podem causar impactos negativos na forma de ser no mundo, e o constante silenciamento para o tema reforça a naturalização e conseqüentemente a exploração física e psíquica das mulheres. Uma rede de apoio fortalecida pode ser uma garantia de saúde mental para as mulheres que são mães, estudantes e que trabalham, seja de maneira remunerada ou em espaço doméstico, esse apoio representa tranquilidade para estudar e concluir uma formação. As mães solo principalmente precisam dessa rede de apoio, visto que vivem de forma intensa a maternidade e trabalham para se sustentar e sustentar seus filhos, nisso há um enorme esforço psíquico pois mesmo diante de tantas dificuldades, buscam sobreviver em sociedade diariamente.

É possível verificar que a realização pessoal é algo muito subjetivo, mas criado de forma coletiva. Importante salientar que é humanamente impossível dar conta de todos esses papéis sem um esforço emocional significativo, e que por vezes provocam sofrimentos, principalmente em uma sociedade que usa de comparações com intuito de competição.

Saliento que essa pesquisa enfrentou algumas limitações referente ao tempo proposto para melhor articular a escrita e devido ao tema ser muito amplo e os conteúdos que não cessam. Para próximos estudos propõe-se um levantamento da quantidade de mulheres em cada universidade pública brasileira que interseccionam os aspectos mencionados ao longo deste trabalho, para uma compreensão dos dados quantitativos que expressam essas vivências e com finalidade de dar visibilidade para possível alcance de políticas públicas nas instituições.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Brasil: Companhia das Letras, 2019.

ALCÂNTARA, Vírnia Ponte; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; ALVES, Samara Vasconcelos. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 351-361, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2022.v27n1/351-361/pt/>> Acesso em 29 AGO. 2023

ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Revista psicologia em pesquisa**, v. 12, n. 3, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23791>> Acesso em: 20 ABR. 2023

BADINTER, Elisabeth. B126a **Um Amor conquistado: o mito do amor materno..** Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERNARDES, Ruane; LOURES, Amanda Freitas; ANDRADE, Barbara Batista Silveira. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico** 2019 Jul./Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 68-75. Disponível em <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956/1342>> Acesso em 23 jul. 2023

BEZERRA, Italla Maria; SORPRESO, Isabel Cristina. Conceitos de saúde e movimentos de promoção da saúde em busca da reorientação de práticas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 26, n. 1, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822016000100002&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 29 AGO. 2023

BITENCOURT, Silvana Maria. cuidar ou ser cuidada? Os dilemas e os efeitos da maternidade em uma universidade brasileira. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em :
<http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498593336_ARQUIVO_artigoCompleto-fazendogenero.pdf> Acesso em 01 AGO. 2023

CALDAS, Jacyara dos Santos. **Coletivos feministas de mães universitárias: apoio mútuo e luta por institucional**. 2022. Disponível em:
<<https://repositorio.unb.br/handle/10482/44734>> Acesso em: 11 AGO.2023

CENSO da educação superior 2013: resumo técnico. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015. Disponível em:
<http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf> . Acesso em: 20 ABR. 2023

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

CURI, Paula Land; RIBEIRO, Mariana Thomaz de Aquino; MARRA, Camilla Bonelli. A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. SPE, p. 156-169, 2020. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672020000300012&script=sci_artext acesso em 18 ago.2023

DA COSTA, Fabiana Alves. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 434-452, 2018. Disponível em < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986/13632> > Acesso em 24 abr. 2023

DANTAS, Sílvia Góis .A feminização das tarefas domésticas: uma breve discussão a partir da campanha #sharetheload. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em
<www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1495225246_ARQUIVO_SILVIADANTAS_Feminizacaotarefasdomesticas.pdf> acesso em 23 ago.2023

DAVIS, Angela, 1944. **Mulheres, Raça e Classe** / Angela Davis: tradução de Heci Regina Candiani – 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p 230

DE JESUS, Jordana Cristina. Trabalho doméstico não remunerado no Brasil: uma análise de produção, consumo e transferência. 2018. **repositorio.ufmg.br**. Disponível em < <http://hdl.handle.net/1843/FACE-B27PW9>> Acesso em 19 ago.2023

DOURADO, Cristiane Serra Vilela. Empreendedorismo materno: a importância do comércio eletrônico na viabilidade de novos negócios gestados por mães. 2017. **repositorio.ufba.br**. Disponível em
<<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/21717/1/Cristiane%20Serra%20Vilela%20Dourado.pdf>> Acesso em 06 maio de 2023

FARIAS, Camila Peixoto; LUCZINSKI, Giovana Fagundes (Org.). **Tecendo Cartas:** (sobre)vivências de mulheres na universidade. São João de Meriti, RJ: Desalinho, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2023.

FERREIRA, Marcella Sandim Couto Greco. **Ação grupal com mulheres-mães universitárias como estratégia de promoção de saúde mental.** 2023. Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. Disponível em <<https://tede.ufrj.br/handle/jspui/6768>> Acesso em 04 ago.2023

FIORIN, Pascale Chechi; DE OLIVEIRA, Clarissa Tochetto; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 15, n. 1, p. 25-35, 2014. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203035764005.pdf> .> Acesso em: 23 abr.2023

GALVÃO, Lize Borges. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872> > Acesso em: 23 ABR. 2023

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projetos de pesquisa** - 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002

GONÇALVES, Josiane Peres; TERNOVOE, Janaina dos Santos. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 116 142, 2017. ISSN 2177 2886. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/8484/pdf7>> Acesso em: 20 abr. 2023

GLITZ, Silvia Regina. A maternidade e a mulher na contemporaneidade. **Bibliodigital.unijui.edu.br**. 2018 Disponível em < <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5577>> Acesso em: 24 jul.2023

HALASI, Fabiana de Souza. **A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa.** 2018. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em < <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/21668/2/Fabiana%20de%20Souza%20Halasi.pdf>> Acesso em 24 ago.2023

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2018 – 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 18 abr.2023

LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise.** Trad. Pedro tamem 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Livro em PDF ONLINE Disponível em <

<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Laplanche-e-Pontalis-Vocabulario-de-Psicanalise.pdf> > Acesso em 17 abr.2023

MARQUES, Christiane Jussara de Carvalho; SANTOS, Kassia Cintia dos; DANIEL, Natasha Saney Silva. A romantização da maternidade e seus impactos psicológicos. **repositorio.animaeducacao.com.br**. 2022. Disponível em <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/24648/1/TCC%20-%20Christiane%2c%20K%2c%20a1ssia%20e%20Natasha.pdf>> Acesso em 24 jul. 2023

OLIVEIRA, Antonio Carlos; DA SILVA RIBEIRO, Thamires. Mulheres negras na provisão e distribuição de cuidados no Brasil. **Revista Praia Vermelha**, 32(2). 2022. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha/article/view/43545/30271> > Acesso em 19 ago.2023

OLIVEIRA, Flávia; NUNES, Tayane; ANTLOGA, Carla. Dinâmica de prazer e sofrimento de estudantes negras de faculdades de Brasília – Epistemicídio, racismo e machismo. **Psicologia Revista**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 103–124, 2019. DOI: 10.23925//2594-3871.2019v28i1p103-124. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/38914>. Acesso em: 19 ago. 2023.

OLIVEIRA, Tatiana Viana; SOUZA, Mirian Alves. MÃES NA GRADUAÇÃO: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. **Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, v. 6, p. 1769-1785, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.5433/SGPP.2020v6.p1769> > Acesso em 19 ago. 2023

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; CONRAD, Kalliandra Quevedo. Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, p. e86996, 2022 . Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/bX45T4QbY459q3dtcwrJV8s/#>> Acesso em 23 jul.2023

OTA, Maria Eduarda. Quando ser mãe é um ato de resistência: O ativismo político de mulheres negras vítimas da violência institucional v. 1 n. 1 (2015): **ENCRESPANDO Seminário Internacional**: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes ONU. Disponível em <<https://encrespando.jur.puc-rio.br/index.php/files/article/view/13> > Acesso em 18 Ago.2023

PEREIRA, Sandra de Oliveira Gomes; NUNES, Juraildes Barreira. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das Universidades Federais brasileiras. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23378>> Acesso em 23 jul.2023

ROCHA, Bruno Augusto Barros; LIMA, Fernando Rister de Sousa; WALDMAN, Ricardo Libel. Mudanças no papel do indivíduo pós-revolução industrial e o mercado de trabalho na sociedade da informação. **Revista Pensamento Jurídico**, v. 14, n. 1, 2020. Disponível em <<chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/http://www.mpsp.mp.br/portal/>>

[page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/RPensam-Jur_v.14_n.1.13.pdf](https://portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/RPensam-Jur_v.14_n.1.13.pdf)> Acesso em 23 jul. 2023

SANTOS, Dionisia; LIMA, Debora; BARBOSA, Paloma. Os impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea. 2021. Disponível em < <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17238>> Acesso em 25 abr. 2023

SANTOS, Luciana; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. **Psicologia clínica**, v. 30, n. 1, p. 37-59, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/2910/291057851003/291057851003.pdf>> acesso

SCHULTEI, Andréia de Almeida; BELLUZZOI, Sueli Regina; VAISBERGI, Tânia Maria José. A experiência emocional de autoras de Mommy Blogs. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 107-130, abr. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 abr. 2023

SILVA, Camilla Fernanda Magalhães; OLIVEIRA, César Filipe da Silva; BARROS, Clarissa Maria Dubeux Lopes. **A dicotomia do ser**: de mulher a mãe - as possíveis mudanças a partir da maternidade, 2020. Disponível em < <http://tcc.fps.edu.br:80/jspui/handle/fpsrepo/908> > Acesso em 24 jul. 2023

SILVA, Juliana Marcia Santos. Mães negras na pós-graduação: uma abordagem interseccional. **Repositório UFBA**. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32119>> Acesso em 19 ago. 2023

SOUZA, Giuliana Layssa de Carvalho. A monoparentalidade feminina e o aumento da pobreza: implicações para a vida das mulheres. **repositorio.ufrn.br** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em < <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54431>> Acesso em 25 jul. 2023

VIEIRA, Ailane Costa. **Vivências da maternidade na graduação** : uma revisão sistemática. 2018. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018. Disponível em: <<http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1080>>. Acesso em: 20 abr. 2023

WINNICOTT, D. W. (1984). **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1971).